

# A HISTÓRIA É UMA ARTE COM GEORGES DUBY\*

Ana Paula Peters\*\*

Andrea Dal Pra de Deus\*\*\*

Elaine Cristina Senko\*\*\*\*

Janira Feliciano Pohlmann\*\*\*\*\*

Otávio Luiz Vieira Pinto\*\*\*\*\*

**Resumo:** a partir dos debates e reflexões sobre a obra do historiador Georges Duby apresentamos aqui a sistematização de algumas das idéias sobre suas questões metodológicas, historiográficas, de fontes e de recorte da pesquisa. Utilizamos também suas memórias, nas quais Duby nos mostra que não nasceu historiador, mas tornou-se historiador. Ao escrever uma nova história, colocou as sociedades no centro das atenções, olhando as pessoas comuns e os aspectos da vida cotidiana, ressaltando a importância da imaginação para o ofício do historiador.

**Palavras-chave:** Conhecimento histórico. Escrita da história. Narrativa historiográfica.

## THE HISTORY IS AN ART WITH GEORGES DUBY

**Abstract:** based on discussions and reflections about the work of the historian Georges Duby that emerged during the discipline of History's Theory and Historiography, of the UFPR's History Graduation Program, we present here a systematization of his main ideas about methodological and historiographical issues, sources and researches. We also use his memories, in which Duby tells us that he was not born an historian, but he became one. When writing a new story, he put the societies into the limelight to observe the people and the common aspects of daily life, emphasizing the importance of the imagination to the historian's profession. This exercise allowed the discussion about the immediate challenge that is to conduct a research, to make choices and to present them to our peers and the general reading public.

**Keywords:** Historical knowledge; Writing of history; Narrative historiography.

\* Artigo sob a orientação da Professora Dr<sup>a</sup> Marcella Lopes Guimarães (PPGHIS UFPR/NEMED).

Recebido em: 12.04.2011.

Aprovado em: 08.05.2011.

\*\* Doutoranda PPGHIS UFPR. E-mail: anapaula.peters@gmail.com

\*\*\* Doutoranda PPGHIS UFPR/NEMED); E-mail: andreadallpra@gmail.com

\*\*\*\* Mestre PPGHIS UFPR/NEMED. E-mail: elainesenko@hotmail.com

\*\*\*\*\* Mestranda PPGHIS UFPR/NEMED. E-mail: janirapo@yahoo.com.br

\*\*\*\*\* Mestre PPGHIS UFPR/NEMED. E-mail: rocha.pombo@hotmail.com



*[...] o meu entusiasmo começou a derivar para a história, a boa, aquela que não se contenta com reconstruir intrigas, aquela que não cessa de por questões a propósito da vida*  
(Georges Duby, 1989)

**G**eorges Duby nasceu no dia 7 de outubro de 1919 em Paris e morreu no dia 3 de dezembro de 1996 em Aix-en-Provence, França. Durante sua vida pública e acadêmica, dedicou-se a desvendar e imaginar uma sociedade européia a partir dos vestígios que encontrou sobre a França, aproximando-nos deste período e de seus homens de maneira apaixonada. Como alguns dos contemporâneos pesquisadores do seu tempo, começou estudando geografia e, pelos acasos da vida que tanto comenta, acabou orientando-se para a história, mais especificamente a da Idade Média, devido ao trabalho realizado com seu orientador, Jean Déniau. A escolha da Idade Média também ocorreu por ser, naquele momento, um excelente espaço de investigação e reflexão metodológica. Era “um terreno praticamente virgem e onde era possível colocar questões novas, totalmente novas” (DUBY, 1993 p- 28).

De acordo com o historiador Luiz Alberto Sciamarella Sant’Anna:

Seguindo as lições de Lucien Febvre, sobre o caminho para se empreender a história das mentalidades, e com o acompanhamento de Robert Mandrou, Duby lança-se, desde o final da década de 50, ao estudo do que se chamou história das ‘mentalidades’. Esse termo, segundo Duby, não dá conta da abrangência do que se pretende estudar. O conceito de mentalidade é um conceito que tem sua origem na linguagem comum, sendo um termo da linguagem ordinária, se referindo a comportamentos, a sistemas de atitudes e visões de mundo. Em verdade expressa apenas aquilo que condiciona, que determina comportamentos, as formas de compreensão do mundo, os sistemas de atitudes principalmente coletivos (SANT’ANNA. 2001 p. 42).

O início com a geografia, “ciência do ar livre” que se encontrava no auge, marcou muito sua visão e prática como historiador, como relembra:

[...] primeiro, por me ter assiduamente interrogado diante dos mapas, das cartas, contraí a necessidade de dar, desde que possível, consistência visual aos fenômenos de sociabilidade, situando-os, inscrevendo-os exatamente no espaço. Segundo, [...] em toda a atividade humana encontram-se indissociavelmente ligados o que vem do material e o que não vem, aquilo que é da natureza e o que é da cultura (DUBY, 1989, p. 17).

Com estas premissas construiu sua busca por uma história total e convenceu-se da importância do diálogo entre diferentes disciplinas para o estudo das sociedades humanas. E “mesmo que Duby amplie sua investigação histórica para a dimensão simbólica, imaginária das representações e realizações da Idade Média, nem por isso abandona a dimensão geográfica” (DOSSE, 2004, p. 140).

Neste ponto vale lembrar a erudição encontrada ao longo das obras de Georges Duby, sempre aberto aos vários questionamentos que a produção do conhecimento acarreta e os desafios que exige.

Quando escreveu um ensaio biográfico a convite de Pierre Nora, para a obra Ensaio de Ego-história, demarcou o início de sua trajetória intelectual em 1932, ao entrar como aluno em um liceu de uma pequena prefeitura, Macôn, do qual guardou boas lembranças das classes de gramática, retórica e filosofia; das conversas com os amigos, aprendendo a criticar o acontecimento e das aulas em que os professores se esforçavam para juntar à tradição clássica ao que havia de mais inovador. Foi o momento das reflexões sobre as guerras, de tomar partido da Frente Popular e de conhecer o pensamento de Karl Marx livre de qualquer envolvimento político. No final de 1937 estava inscrito na faculdade de Letras de Lyon, na qual se tornou agregé em 1942.<sup>1</sup>

Em 1944, no dia seguinte à Libertação, ao visitar André Allix em Lyon, soube que este criara um cargo de assistente para Duby junto a Jean Déniau, começando definitivamente a profissão pela qual se apaixonou, procurando seduzir os alunos assim como tinha sido por seus professores. Desafio que obteve sucesso não apenas em suas aulas, mas também nos seus escritos, ao convidar para a leitura de seus livros não somente seus pares mas um público mais amplo. No outono deste ano conheceu Lucien Febvre pessoalmente, que primeiro conheceu pelas suas obras. A amplitude do olhar deste e a prudência e sistematização de Perrin influenciaram muito Duby.



Num clima de fim de guerra e diante das dificuldades de restabelecimento que esta acarreta, Duby aderiu por alguns meses à Confederação Geral do Trabalho (CGT) na seção da faculdade de Letras. Também foi o momento de terminar sua tese, que passa a ser orientada por Charles-Edmond Perrin, com quem lembra ter aprendido “as virtudes de uma erudição escrupulosa, à alemã, tratando o material documental através do recurso às diversas técnicas, cuja maestria indispensável se adquire na escola de cartas” (DUBY, 1989 p. 126).

Durante sete anos dedicou-se a sua tese *La Société aux XI et XII siècles dans la région mâconnaise*. O espaço que delimitou a partir dos arquivos da abadia de Cluny, o *Recueil des chartes de l'abbaye de Cluny*, composto por Augustin Bernard, e de outros estabelecimentos religiosos próximos, apresentavam-lhe uma paisagem social, que foi confrontada com a paisagem com a qual conviveu por tanto tempo. Sua proposta era perceber “a gênese e a evolução das relações que se tinham estabelecido outrora e nestas mesmas vilas, nesses campos, nessas vinhas, nesses bosques que eu percorrera em todos os sentidos entre os camponeses e os guerreiros” (DUBY, 1989, p. 27).

A todo momento em suas memórias, Georges Duby mostra-nos que não nasceu historiador, mas tornou-se historiador. Ao escrever uma nova história, voltado ao social e as mentalidades, colocou as sociedades no centro das atenções, olhando as pessoas comuns e os aspectos da vida cotidiana. Mesmo ao tomar um grande homem, como Guilherme, o Marechal, sua pretensão era apresentar não apenas o cavaleiro, mas a cavalaria. Nesse sentido ressalta a importância da imaginação para o ofício do historiador.

Em 1950, assume o lugar de encarregado de ensino na universidade de Besançon, lugar que o agradava muito. Ao saber de uma nomeação para medievalista em outra universidade, transfere-se para Faculdade de Letras em Aix-en-Provence, no final de 1951. Lugar que deixou em 1970 para ocupar o cargo de professor titular de História da Idade Média, assumindo a cátedra de professor titular no Collège de France (história das sociedades medievais). Teve o apoio de Fernand Braudel e contou com o incentivo de Jacques Le Goff, que freqüentaram seus seminários e, assim, Duby os indicava aos seus melhores alunos. Neste momento diz ter chegado à “liberdade total”, e em particular, à “liberdade de inovar”, como poderemos perceber ao longo das obras que serão comentadas neste artigo.

Quando ainda estava em Aix começaram as encomendas dos seus escritos, como para a Coleção Histórica dirigida por Paul Lemerle (que publicou em 1962 sua obra *L'économie rurale et la vie des campagnes dans l'Occident medieval (France, Angleterre, Empire, IXe- XVe siècles) – essay de synthèse et perspectives de recherches*). Com Robert Mandrou escreveu para os *Annales*, explorando as mentalidades. Albert Skira propôs o projeto de escrever livros sobre as relações da obra de arte com a sociedade e a cultura, trabalho que logo aceitou por estar interessado neste tema e em escrever de maneira diferente da exigida pela academia. Pierre Nora também encomendou-lhe a obra *O tempo das catedrais* para a coleção *Bibliothèque des histoires*, além de *O domingo de Bouvines*.

Em 1972 a televisão e o rádio se colocaram para Duby como mais uma maneira de apresentar suas pesquisas históricas. Com Pierre Dumayet preparou um programa sobre o ano mil. Um ano mais tarde, a pedido de Roger Stéphane, começou uma série para a televisão baseada no seu livro *O tempo das catedrais*. Experiências que mostravam:

[...] o tipo de uso que o historiador profissional deve fazer da televisão. Como no caso do livro, ele não deve deixar nas mãos dos amadores este instrumento de comunicação prodigiosamente eficaz: graças a ele, o público da boa história pode ampliar-se indefinidamente (DUBY, 1993, p. 15).

Georges Duby parece perceber que a partir dos anos 1970 o público estava apreciando cada vez mais a história. E este crescente gosto pela história, e principalmente pela história medieval no seu ponto de vista estava relacionado “com o fato da nossa sociedade, no fundo, se sentir pouco à vontade num ambiente sombrio e triste. Por um lado, busca a sua identidade, as suas raízes. Procura também um espaço de sonho”.

Uma reflexão acerca da obra de Georges Duby, ademais a grande e fundamental presença da geografia, revela a miríade de influências que formam tal historiador em seu ofício; sombras e vozes que ecoam não apenas na escrita de suas obras, mas em especial na conformação de seus pensamentos. São imagens e pesquisadores, coevos ou pretéritos, que colorem, assim, grande parte de sua



perspectiva. Alguns são nomeados por ele próprio, num franco relato de sua trajetória: Jean Déniau, Philippe Wolff, Henri Pirenne (DUBY, 1993, p. 9-11).

São estes, em concordância ou discordância, que apontam os caminhos metodológicos para Duby, que lhe apresentam a Idade Média, a possibilidade de se fazer com a documentação escassa deste período uma história serial, o frescor de uma vanguardista historiografia econômica. Este incursão inicial, materializado na confecção de sua tese de doutorado, revela já uma influência cabal do pensamento marxista que estaria com Duby durante toda sua carreira. De Marx, ele toma a franca importância dada ao aspecto material de uma sociedade como definidor de suas evoluções e transformações – tem-se aqui o peso social do econômico, de estruturas econômicas. Tal perspectiva talvez fique clara em *Guerreiros e Camponeses*, estudo denso e variado em que Duby apresenta as estratificações e posições de uma sociedade medieval marcada pela incursão e constante mistura do visível e do invisível, do material e do imaterial na vida quotidiana.

Uma primeira leitura desta obra, porém, já nos revela que estamos diante de uma influência marxista muito peculiar, livre de ortodoxias estanques e relativamente livre para se relacionar com outras idéias e outras correntes sem diluir o pensamento de Duby mas, pelo contrário, solidificá-lo em posições cada vez mais próprias e pessoais. Assim, o materialismo marxista une-se ao filão do imaginário, do imaterial e da influência do invisível apregoados pelas primeiras gerações dos *Annales*, mais precisamente por Marc Bloch e Lucien Febvre. A preocupação dispensada por Duby ao estudo do imaginário, desta maneira, une de forma harmoniosa estas diferentes correntes – ao invés de caírem em contradição ou esbarrarem num superficial cadinho teórico, evidenciam a tentativa do historiador de obter uma compreensão mais ampla da sociedade, absorvida de forma “orgânica” em seus variados aspectos, sem dissociá-los ou valorá-los. Material e imaterial, portanto, caminham *pari passu*.

Enquanto lampejos de história serial, econômica, marcada por posições marxistas definiram os mecanismos metodológicos de Duby, prioritariamente, entre as décadas de 1950 e 1970, seu eterno objeto de interesse lhe fora “dado” por Marc Bloch. A leitura de *A Sociedade Feudal* havia causado nele impressão indelével, de forma que, ao adentrar a seara da história, “tentaria seguir pelo mesmo caminho”. (1993 p, 15) Tal decisão representa uma busca pela história mais completa, totalizante, que funde num só pensamento o econômico e o social – como já afirmado, uma tentativa de apreender a sociedade em seu sentido mais lato. Para abordar tal universo, vê-se em Duby a pena de Lucien Febvre: enquanto Bloch representa a escolha e o objeto, é Febvre e seu *Rabelais* que apresentam a Duby a possibilidade de se perceber a “mentalidade” dessa sociedade, as formas que possuem de ver o mundo e interpretá-lo, de se organizar e se definir (DUBY, 1993, p. 85-6).

Evidências deste peso influente são obras como o *Ano Mil* – onde Georges Duby, amparado num estilo peculiar e na apresentação de fontes, faz um desenho da sociedade feudal ao redor do ano mil, com seus medos invisíveis e suas preocupações materiais –, a busca por apresentar um homem e uma sociedade medieval em *O Tempo das Catedrais* e, de certa forma, seu grande estudo *As Três Ordens* ou o *Imaginário do Feudalismo*, como o próprio título já deixa claro.

Destarte, percebemos que as linhas traçadas por Duby, estejam elas transcritas no início ou no fim de sua carreira, tocam de alguma forma essa influência fundamental exercida pelas noções marxistas e materialistas de história, ao lado da presença constante e invisível de Lucien Febvre, Marc Bloch e a perspectiva de História das Mentalidades ou mais precisamente de História do Imaginário como base de uma história social, apregoadas e defendidas pelos *Annales* – são estes, afinal, os dois grandes eixos unidos e trabalhados pelo historiador francês, que nunca deixaria de orbitar por eles. Contudo, tal “filiação” teórica e metodológica não impede, de forma alguma, que outras influências, talvez mais pontuais mas não menos fundamentais e impactantes, estejam presentes em certas obras ou momentos específicos da trajetória de Georges Duby. Um destes casos está presente na obra *As Três Ordens* ou o *Imaginário do Feudalismo*: aqui, Duby avança e renova a proposta da trifuncionalidade formulada por Georges Dumézil quando este analisa a divisão social (e ideológica) de grupos indo-europeus. A influência é clara e declarada pelo historiador francês, que inclusive submeteu às conclusões para apreciação do próprio Dumézil. Na obra deste filólogo, a divisão da sociedade em três ordens explicaria um sistema de organização pragmático que teria calcado o “nascimento” dos grupos indo-europeus. Entretanto, Duby aproveita essa idéia não para utilizá-la como uma explicação prática de seu tema, mas sim como um elemento ideológico, advindo do imaginário, que



buscava uma ordenação representativa da sociedade feudal. Interessa-nos notar também que, mesmo que presente de forma declarada apenas nesta obra, o filólogo exerce enorme peso sobre o pensamento de Duby, já que a apresentação de uma sociedade feudal tripartida foi, talvez, seu carro chefe para explicitar seu objeto de pesquisa.

A partir das décadas de 1980 e 1990, longe de abandonar ou drasticamente alterar suas perspectivas anteriores, Georges Duby incrementa sua visão com posições advindas de uma história “cultural”: tem-se cada vez mais a preocupação com os costumes, com a vivência quotidiana, com as simplicidades do homem feudal. Maior exemplo deste novo interesse talvez seja a coleção História da Vida Privada, organizada – entre outros – pelo próprio Duby. Voltando sua atenção para elementos como a solidão, as relações familiares, as condutas sociais, o casamento e as mulheres, Duby apresenta certa influência de uma historiografia renovada, uma nouvelle histoire encabeçada, na França, por Jacques Le Goff e Pierre Nora. As impressões causadas por esse movimento em nosso historiador foram fortes, marcando de forma bastante perceptível os últimos anos de sua carreira (obras como Damas do Século XII, Guilherme Marechal e O Cavaleiro, A Mulher e O Padre são exemplos máximos desta tendência).

Como historiador, Duby escreve olhando para seu presente, amparado por suas leituras, por seus mestres, por figuras e momentos que marcaram sua formação. O que chama a atenção para as influências em seu trabalho não é meramente o eco de outras idéias, mas a forma com que este historiador articula todas as perspectivas que o compõe, como uma, de forma bastante coerente, pensamentos que poderiam soar díspares e nutre, a partir daí, um pensamento próprio, um estilo único, uma forma peculiar e pessoal de se escrever a história. Georges Duby promoveu em suas obras a utilização de uma narrativa histórica inovadora, caracterizada pelo fato de que o autor buscou muitas vezes preencher lacunas de informação, sobre o tema estudado, tendo por base uma reflexão sobre a idéia de imaginário. As múltiplas interações de Duby com o estudo da psicologia humana, do social, da antropologia, da literatura e da geografia corroboraram para que ele introduzisse conceitos de tais áreas para a História, possibilitando-o adentrar o universo mental do período em estudo (DUBY, 1993, p. 90). Além disso, Jacques Le Goff aponta que Duby valorizava o belo estilo de se escrever, sendo inclusive influenciado por Michelet. O modelo narrativo de Duby, segundo Le Goff, estava conectado à sua vontade de seduzir as pessoas para que elas gostassem mais da História; por outro lado, ele também não queria deixar de lado a metodologia própria de um historiador ao produzir sua obra (KEEGAN, 1976) Georges Duby, desde o início de sua carreira, demonstrou-se muito preocupado com a questão inerente ao estudo do imaginário na Idade Média. Prova disso é a sua obra O Ano Mil <sup>2</sup>, na qual o autor procurou desmistificar falsas idéias sobre o imaginário medieval, um tanto quanto impregnadas por calamidades e medos pela historiografia moderna, no que se refere ao período da virada do milênio. Para tal, teve por base um mosaico de percepções: obtendo informações oriundas de seu estudo nas fontes e de sua própria interpretação como historiador.<sup>3</sup> Toda essa preocupação de Duby com o inconsciente adveio de seus mestres Marc Bloch e Lucien Febvre, precursores, como visto, no estudo das mentalidades.

O fascínio de Duby pelo modo como Bloch escrevia, repleto de coragem ao adentrar a compreensão do comportamento dos homens no medievo, foi o que justamente proporcionou a viabilidade do estudo do imaginário – tendo por base, claro, a análise dos vestígios das ações humanas. No entanto, devemos aqui ressaltar uma importante diferença conceitual que, devido a equívocos no uso do vocabulário, passa muitas vezes despercebida: a mentalidade pertence a uma época, enquanto o imaginário transmutado atravessa gerações.

Uma história produzida através da análise dos fenômenos oriundos da cultura, do entendimento que se pretende total, em torno da escolha de vários objetos de estudo que tragam à luz um pouco de “realidade” medieval: eis os anseios de Duby que forjam a sua utilização das atitudes mentais no campo metodológico. Foi tendo por base esses pensamentos que a obra O domingo de Bouvines, 27 de julho de 1214 fora composta por Duby (1993, p. 58-9), para o qual:

Se me houvesse limitado aos acontecimentos, se tivesse me contentado em reconstituir intrigas, articulando ‘pequenos fatos reais’, talvez eu compartilhasse o otimismo dos historiadores positivistas de cem anos atrás, que se consideravam capazes de alcançar cientificamente a verdade. Posso com efeito asseverar, com provas na mão, que no dia 27 de julho de 1214, e não a 26 ou 28, dois exércitos se defrontaram na planície de Bouvines, e inclusive que fazia calor nesse dia, que as colheitas não haviam sido concluídas [...] Devo esforçar-me por encarar as coisas com os olhos desses guerreiros, tenho de me identificar com eles, que já não passam de



sombras, e este esforço de incorporação imaginária, esta revitalização exigem que eu dê ‘minha contribuição’, como se diz. (DUBY, 1993, p. 58-59).

Em Bouvines ocorreu o recurso da complementação da narração com as biografias dos personagens participantes da batalha. É interessante observar que na mesma época de publicação de Bouvines foi divulgada a obra de John Keegan, *O Rosto da Batalha* (1976), com uma proposta diferenciada de história militar sobre conflitos e campanhas. Em busca do entendimento da sociedade feudal também pelo seu imaginário, Duby, portanto, se encontrava imerso numa ação renovadora da historiografia medieval.<sup>4</sup> Herdeira dessa historiografia é a recente obra da historiadora Juliet Barker, *Agincourt*<sup>5</sup>, que trata do acontecimento utilizando-se, sem reservas, das biografias, da interdisciplinaridade e do imaginário. Historiadores na América Latina também acompanham essas transformações.<sup>6</sup>

A história do imaginário, segundo Le Goff, é constituída por duas estruturas: uma a que chamamos “realidade” e outra que parte dos desejos e sonhos de cada sociedade.<sup>7</sup> Para Duby responder à sua pergunta “o que era a sociedade feudal?”, ele sentiu necessidade de analisar as atitudes mentais dos indivíduos em grupo, muitas vezes através do imaginário e da analogia presente/passado.

Neste sentido, as imagens foram um vivo interesse para Duby, este que entendia a criação artística no medievo como regida por forças sociais dominantes, ou seja, visando a demonstração da existência de Deus e para serviço dos príncipes.<sup>8</sup> Para refletirmos sobre o uso de imagens por Duby, temos por base seu trabalho *Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos*. O livro é resultado da entrevista concedida por Georges Duby aos jornalistas Michel Faure (*L'Express*) e François Clauss (*Europe 1*).

Nessa obra, o autor busca estabelecer comparações, entre semelhanças e diferenças, entre o antes, a Idade Média, e o depois, hoje – tendo por base alguns pontos de discussão, como o sentimento do medo, por exemplo. Ao fazer isso, Duby ressalta a importância do historiador em se posicionar no seu próprio tempo presente, pois para ele não haveria análise histórica desvinculada, não subjetiva. Mas o que ressaltamos aqui é o caráter duplo dessa obra: uma parte, logicamente, escrita; e outra na qual se encontram e destacam várias imagens medievais, entre as quais estão presentes algumas do período renascentista que representavam o medievo e outras atuais (fotografias), todas seletivamente escolhidas pelo historiador francês.

Além do contexto de reflexão do livro, temos as imagens que possuem grande valor enquanto vestígios do mundo da cristandade medieval.<sup>9</sup> De acordo com o historiador Jean-Claude Schmitt, as imagens não podem ser reduzidas a uma simples representação de uma realidade ou como simples ilustração de um texto, pois o historiador deve observar as especificidades das imagens medievais, tendo em vista que elas também possuem vínculos com seu próprio tempo, da história ou da representação de uma narrativa.<sup>10</sup> As figuras escolhidas por Duby na obra *Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos*, dialogando com esse pensamento de Jean Claude-Schmitt, demonstram como a imaginação criativa dos homens medievais produziam imagens, em sua maioria, de conduta moral. Pois, conforme Schmitt aponta, “as imagens mais do que as palavras dos pregadores influenciavam a imaginação dos fiéis uma ação decisiva e considerada benéfica” (SCHIMITT, 2006, p. 136).

A imagem medieval tinha essa função pedagógica: de conselho ao bom exemplo a ser seguido e ao mau que deve ser evitado e provocar medo. As imagens para os medievais eram quase de carne e osso, elas existiam, tal era o grau de sua imaginação. A função analógica passado/presente na utilização das imagens feita por Duby chama nossa atenção para o fato de que elas mantêm-se convincentes e nós as transformamos constantemente, agora através de novas tecnologias.

A história do imaginário foi explorada por Duby como uma fonte preciosa e ele foi um dos grandes responsáveis por chamar a atenção nessa vertente de estudos. Focou algo que ultrapassava a generalização das mentalidades. Por sua vez, homem múltiplo, Duby nos possibilita estudar através de algumas de suas obras as *ixxxxg*ios, nos levou a conhecer o cavaleiro comum, os valores de um grupo e a saber mais sobre aqueles tempos.

Em Guilherme Marechal, Duby compõe uma biografia narrada sob as vestes de um romance<sup>12</sup>, trazendo-nos um novelo de relações entretecidas entre o agente individual, Guilherme, e seu grupo, a cavalaria.<sup>13</sup> Essa escolha de narrativa por Duby propicia sentido a sua proposta de uma história global, dando meios a um poema<sup>14</sup> que retrata a vida de um único homem tornar-se uma narrativa panorâmica dos costumes, relações e demandas de uma época. A escrita de Duby apresenta-nos um enredo



que nos absorve involuntariamente para a singularidade de uma trajetória<sup>15</sup>, ao mesmo tempo, produz uma análise da complexidade das relações que lhe fazem parte.

Essa escrita mais fluída de Duby não se repete quando redige *As três ordens*, ou o *Imaginário do Feudalismo*. Nesta obra, as elaborações estatísticas influenciam a referida obra na construção textual sustentam a dominância de uma história econômica social amparada por elementos econômicos que compõem e expõem uma sociedade medieval observada por Duby. Estes dados e confrontações empíricas recorrentes em mais da metade da obra são elementos retomados pelo autor nos capítulos finais, não como uma referência pontual, mas como peças de um quebra-cabeça que ordena ao leitor o quadro que Duby construiu sobre a tripartição social. O grande manuseio de fontes, as mais diversas, também contribuiu para a narrativa desta obra exigir fôlego. Duby trata de documentos dos mais variados gêneros: gestas, boletins, literatura, texto bíblico, imagens, biografias, missais, catálogos, cartas, certidões de nascimento, casamento e mortes. Talvez essa densidade que a quantificação de dados, pontuados por interjeições marxistas, atrelados a difusão geográfica- porque Duby só pormenorizará seu recorte geográfico quando tratar da França no século XII<sup>16</sup>, nos capítulos finais do livro – seja resultado de uma obra mais acadêmica, com um ritmo mais preso as remessas de dados nas fontes, às interpretações de pesquisadores e suas referências bibliográficas.

Podemos verificar uma similaridade de apresentação da pesquisa histórica entre *As três Ordens e Guerreiros e Camponeses*, porque do mesmo modo, há uma densidade de dados e manuseio de fontes. Uma escrita mais acadêmica, preocupada em reconstruir as representações que a sociedade medieval tem de si mesma, a “coalescência dos níveis de uma sociedade em suas diversas manifestações materiais e mentais” (DOSSE, 2001, p, 106).

*Guerreiros e Camponeses* caminha ao mesmo passo que *As três Ordens* para uma escrita remissiva das fontes e delimitada por dados contextuais. Estas duas obras são resultado do empenho de Duby em esclarecer de que maneira alguns destes arquétipos medievais foram edificados, de uma forma mais “acadêmica”, com notas de fim de página e longas citações copiadas dos documentos. Apesar de apresentar em seu título apenas dois grupos medievais, em *Guerreiros e Camponeses*, a “terceira ordem medieval” perpassa esta obra na qual o historiador “pretendia entrar em comunicação direta com esses guerreiros e camponeses [...] para vislumbrar um pouco dos vínculos que os uniam uns aos outros” (DUBY, 1993, p. 36).

Mais do que informações econômicas desconexas, pautadas em números e estatísticas, neste livro, o autor apresenta um cenário complexo em que o comércio, o dinheiro e o direito de propriedade faziam parte da religião, da ritualística, dos sentimentos e das necessidades, enfim, da vida daqueles indivíduos. Quer eles fossem camponeses ou guerreiros (senhores), Duby restabeleceu com estes homens do passado o funcionamento de diferentes elementos (dinheiro, comércio e direito) dentro da sociedade, não deu “vida própria” a estas criações humanas. Interessou-se pelas relações entre “criadores e criaturas”, deixando para trás a “tradicional história econômica” na qual os números falavam por si e restituiu a própria vida daquela época.

Em *As três Ordens* ou o *Imaginário do Feudalismo*, na procura por um consenso ideológico, Duby demonstrou teorias que, acreditadas naquele contexto, mesmo sem “cabem totalmente” nele, nos permite entender de que maneira a sociedade se enxergava. Isto porque estes modelos eram matrizes de realidades possíveis, emanavam de imagens medievais, não de meras invenções. Imagens edificadas e propagadas para justificar hierarquias e distribuição de riquezas; para manter o equilíbrio e a própria sobrevivência desta sociedade. Contudo, Duby não partiu da ideologia já elaborada, ele acompanhou a evolução de uma idéia. Caminhou pelas tentativas e rastros que culminaram nesta construção social, proporcionando aos leitores um profundo estudo de formas que, naquela época, só existiram no pensamento.

Já *As Damas* desnudam a vida privada relacionando-se com a vida pública, através de interações entre relações de parentesco, sexo e corpo, morte e nascimento.<sup>17</sup> Utilizando textos religiosos e épico-poéticos como documentação, o amor cortês e vínculos entre a religião e a política com a sexualidade são bases para a construção de capítulos que dispõe as mulheres em primeiro plano, como se fossem personagens de um conto. Não há notas bibliográficas no livro e a intimidade com que Duby trata as personagens fornece a obra um tom literário. Porém, remete no interior do texto a referências às



fontes. As correspondências entre Heloísa e Abelardo, contos satíricos, canções e romances da corte, e até mesmo túmulos, como o caso de Eleonor da Aquitânia, textos evangélicos, hagiografias, representações artísticas, poemas, são canais que a expressão feminina encontra nessa sociedade medieval, mesmo muitas vezes sua fala sendo contada por homens. Uma boa confrontação de Duby entre a teoria e a prática, pois manuseia as fontes e delas extrai ponderações e as demonstra com naturalidade no decorrer da narrativa que há pontos de escape nessa sociedade, de mulheres que não se submetem tão facilmente e nem são tão inexpressivas como algumas fontes querem forjar. A transmissão da lembrança e da imagem que se tem do passado, sempre relacionada ao poder. Sendo assim, conforme enuncia Malerba, o estudo do passado deve considerar a relação ativa do passado e do presente – “uma ação que vai em direção à conservação e à destruição” (MALERBA, 2009, p. 72).

Estas lembranças, atreladas a discursos de poder – no presente –, integram-se a memória coletiva e asseguram lugares sociais aos sujeitos da história; projetam imagens que se difundem, se desgastam ou se reelaboram frente outras. Por vezes, constroem modelos hierárquicos, justificadores, controladores.

Em *O Ano Mil*, Duby desenha o cenário, as personagens e o roteiro da história deste período, balizando de 931-1039 d.C., visto aos olhos de poemas satíricos, crônicas, hagiografias, historiografia, textos sacros.<sup>18</sup> O medo e a esperança fundem-se no ano mil projetando conceitos e práticas no ocidente medieval condensadas em uma obra que privilegia os mecanismos “mentais” mensurados num plano sócio-cultural característico de uma sociedade que passa pela transição e permanência do espiritual e do material. A apresentação da pesquisa nesta obra é direcionada a criar no leitor uma cimentação contextual para passo a passo introduzir dados documentais e cronológicos.

Entre os documentos analisados, o autor encontrou apenas um de caráter apocalíptico, os outros revelam- nos diferentes expectativas, pensamentos e ações comuns para a época; comportamentos e sentimentos percebidos antes, durante e depois de *O Ano Mil*, não tão singulares quanto pintávamos. O livro é um dossiê. Fruto de uma nova reflexão metodológica de Duby. Nesta obra o historiador não procurou “conversar” com aqueles homens do passado. Ele lançou mão de procedimento dramático, no sentido de sua ação como escritor, para apresentar seus estudos. Assumiu a noção do fragmento, mas demonstrou como estes vestígios completam uma narrativa, esclarecem nossas dúvidas. Os textos não estão ali abandonados. A partir da seleção, organização e encadeamento destes documentos, Georges Duby construiu cenários que, por exemplo, nos mostram as relações de poder entre o visível e o invisível, o material e os sentimentos, as ações cotidianas e os medos.

Duby corrobora suas conclusões sobre este contexto dúbio, de correspondências míticas con- viventes com desenvolvimentos científicos como o uso da lógica, retórica, geometria, de epidemias mas também de milagres, em uma entrevista que lhe rendeu mais um livro: *Ano 1000, ano 2000*: na pista de nossos medos. Esta obra correlata os medos e ansiedades inerentes a passagem do primeiro milênio com manifestações semelhantes de uma sociedade bastante diferente na passagem para o ano dois mil. Utilizando-se de ilustrações e fotografias, e referências a seu manuseio de fontes quando escreveu *O Ano Mil*, Duby articula uma reflexão sobre o tempo presente, atendo-se, sobremaneira, aos medos produzidos pela sociedade do passado e do presente. Ousa propor paralelos, pois averigua que é legítimo ao historiador o subsídio da história para a reflexão de seu presente, mas reafirma contextos específicos, delimita espaços distintos e nos convida a relativizar. A apresentação do texto neste livro é no formato de entrevista, intervenções de ilustrações e pequenos textos reflexivos.

Em *Ano 1000, ano 2000*, apesar de evocar alguns dos anseios já presentes em *O Ano Mil*, Duby mostra-se ciente de que a História não é um ciclo, de que “nada se repete”. Faz questão de apontar as diferenças entre esses tempos, como acontece na exploração do medo da violência:

A sociedade medieval vive, morre e se diverte com uma grande brutalidade. Os camponeses preferem ver os cavaleiros partirem em cruzada ou matarem-se nos torneios a vê-los saquear as colheitas e espoliar os vilarejos. Pois a grande insegurança no ano 1000 é sustentada por esses bandos de cavaleiros [...]. Violências, no entanto, menos destruidoras do que as carnificinas contemporâneas de Verdun a Stalingrado (DUBY, 2000 p. 98-9)

Semelhanças e diferenças entre passado e presente fazem parte da História. Alguns comportamentos e sentimentos humanos podem ser imutáveis, como o medo, mas a realidade à volta dos homens está em constante transformação. Por isso, passado e presente, mudanças e permanências devem ser



contempladas pelo historiador para que este cientista desempenhe seu papel social: “[...] expor aos seus contemporâneos [...] os problemas que se puseram aos homens de outros tempos, {para} ajudá-los a enfrentar melhor as dificuldades que se levantam diante deles” (DUBY, 1993, p. 137).

Os esforços empreendidos por Georges Duby nos permitem verificar que o rigor da ciência não precisa impedir que o historiador agrade o leitor ao escrever. Pelo contrário, como este autor afirma, o público deve “saborear um texto não apenas pelo que diz, mas pela maneira como o diz” (DUBY, 1993, p. 56).

Como historiadores, se não formos capazes de despertar os sentimentos dos leitores, de convidá-los a conhecer o “passado” deleitando-se com uma história envolvente, outros acompanharão o público nesta viagem, pois como nos ensinou Georges Duby “[...] a principal função do discurso histórico sempre foi divertir. A maioria das pessoas lê história para relaxar e sonhar” (DUBY, 1993, p. 107).

## Notas

- 1 Ao escrever *A história contínua*, marca a partir desta data o início de sua trajetória intelectual, comentando além da sua vida acadêmica, também o processo da pesquisa, o reconhecimento das fontes, o contexto que o envolveu, os debates historiográficos e o papel da história na França. Reconhece as lições de Henri Irénée Marrou como parte do seu sucesso neste concurso.
- 2 Segundo a historiadora Maria Eurydice de Barros Ribeiro: “Tinha (Duby) consciência da nova etapa que o Ano Mil abria em sua carreira. A questão que se colocava era que a história se faz com documentos e é no trato dado a eles que o leitor penetra na pesquisa, conhecendo o objeto – o milésimo ano da Encarnação; a documentação – os primeiros arquivos, a literatura, os anais, as crônicas e os livros de milagres; e o método – a abordagem dos hábitos mentais”. In: RIBEIRO, Maria Eurydice de Barros. Georges Duby, o prazer da História. *Signum* – Revista da ABREM. São Paulo: ABREM, nº 4, 2002, p. 223.
- 3 Segundo o historiador Hilário Franco Júnior temos a divisão conceitual entre mentalidades e imaginário: “Enfim, acreditamos que imaginário não recobre as noções de mentalidade e representação, complementa-as, articula-se estreitamente com elas. Se mentalidade é o complexo de emoções e pensamento analógico (estruturas arcaicas sempre presentes no cérebro), imaginário é a decodificação e representação cultural (portanto historicamente variável) daquele complexo”. In: FRANCO JÚNIOR, Hilário. O fogo de Prometeu e o escudo de Perseu. Reflexões sobre mentalidade e imaginário. *Signum* – Revista da ABREM. São Paulo: ABREM, nº 5, 2003, p.95.
- 4 O historiador Georges Duby constrói uma metodologia de análise história abarcando literatura, conhecimento artístico/arquitetônico, conhecimento erudito da escrita, uma especial atenção aos indivíduos e acontecimentos históricos. Dessa forma, ele nos traz temas antes negligenciados pelo próprio movimento dos *Annales* e concebe uma nova exposição dos fatos e indivíduos ao se fazer História.
- 5 Segundo a historiadora Juliet Barker: “Para Henrique V, porém, a batalha de Agincourt não foi só uma confirmação divina da justiça de sua causa. Foi também o ponto culminante de uma campanha cuidadosamente planejada, precedida por anos de meticulosa elaboração”. In: BARKER, Juliet. *Agincourt*. Tradução de Mauro Pinheiro. Rio de Janeiro: Record, 2009, p.16-17.
- 6 Na América latina se sobressai atualmente o grupo de pesquisas na Argentina, iniciado com o historiador Cláudio Sánchez Albornoz em 1942, sobre a Idade Média com características interdisciplinares. In: MANZI, Ofélia. Os estudos medievais na República Argentina. *Signum* – Revista da ABREM. São Paulo: ABREM, nº 8, 2006, p.263-264.
- 7 “A história do imaginário é uma História que é preciso distinguir de algumas formas próximas, porém diferentes. Por exemplo, a história da representação. O imaginário comporta uma parte de sonho, o que nem sempre acontece com a representação. Outro tipo é a história do simbolismo, pois freqüentemente as sociedades empregam argumentos que são simbólicos, fato particularmente freqüente na História do ocidente medieval, para a qual muitos seres e coisas são símbolos. Enfim, a história da ideologia comporta valores, enquanto a do imaginário é considerada simplesmente aquela de uma realidade invisível ou escondida e que não teria relação com um pensamento organizado como o ideológico”. In: LE GOFF, Jacques. O imaginário medieval. *Signum* – Revista da ABREM. São Paulo: ABREM, nº 10, 2008, p.63-64.
- 8 Ver DUBY, Georges. *O tempo das catedrais: a arte e a sociedade (980-1420)*. Lisboa: Editorial Estampa, 1979. E também na obra em francês *Le dimanche de Bouvines*, Duby nos traz imagens (pinturas, moedas, objetos, livros) que resgatam a memória da referida batalha. In: DUBY, Georges. *Le dimanche de Bouvines*. Paris: Gallimard, 1973.
- 9 “Nos primeiros segundos em que olhamos um quadro, obtemos uma espécie de impressão de todo o campo. O que se segue é um aguçamento da percepção dos detalhes, a observação de algumas relações, de uma certa ordem etc. A seqüência da exploração óptica progride de acordo com nossos hábitos gerais de apreensão das coisas e com as pistas especiais que o quadro nos oferece”. In: BAXANDALL, Michael. *Padrões de intenção* – A explicação histórica dos quadros. Tradução de Vera Maria Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, p.35.



- 10 “O fato de que o sentido da imagem deva ser buscado sempre além daquilo que ela parece ‘representar’, ‘ilustrar’ ou ‘dizer’ contribui para mostrar o parentesco entre a imagem material e as ‘imagens mentais’, em particular as imagens oníricas cujo nome ela compartilha, *imago*”. In: CLAUDE SCHMITT, Jean. *Imagens. Dicionário Temático do Ocidente Medieval I*. Organizadores Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt. Bauru, São Paulo: Edusc, 2006, p.596.
- 11 I. A escolha; II. O orientador; III. O material; IV O tratamento; V. Leitura; VI. Construção; VII. Tese, VIII. A matéria e o espírito; IX. Mentalidades; X. Da Arte; XI. O colégio; XII. Viagens; XIII. Honrarias; XIV. Da televisão; XV. O Marechal; XVI. Parentescos; XVII. Projetos.
- 12 Essa proposta de escrita de Duby diferencia-se da tradicional maneira de se narrar uma biografia. Para contrapor, trabalhamos outras escritas biográficas: *Santo Agostinho* de Peter Brown e *Aliénor D’Aquitaine, La reine insoumise* de Jean Flori. Enquanto costumeiramente as biografias se organizam cronologicamente com a vida da personalidade que lhe contam a história, Duby não demonstra essa preocupação, iniciando o livro justamente com a narrativa dos momentos finais de vida de Guilherme. Além disso faz um diálogo, no decorrer do livro, entre a infância, juventude e *mocidade*, atuação política e social da personagem. Elementos que, ao serem descritos, acabam por levá-lo a desvendar para o leitor uma série de elementos da sociedade medieval: a cavalaria, as relações sócio-econômicas do casamento, as relações políticas entre os reinos, códigos de ética, entre outros.
- 13 Vide também DUBY, G. *A Sociedade Cavaleiresca*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- 14 A fonte utilizada é um poema épico, encomendado pelo filho mais velho do Marechal, também chamado Guilherme, para rememorar os feitos do pai e perpetuar o momento de sua morte.
- 15 A maneira de Febvre quando este pôs em prática sua idéia de “mentalidade coletiva” através da reconstrução da biografia de Lutero, a narrativa biográfica de Duby sobre *Guilherme, o Marechal*, não é uma trajetória individual em si mesma, mas uma interrogação sobre o que tornou possível e pensável tal trajetória em um dado contexto, reconstruído pelo historiador. Poderíamos ainda citar Le Goff e seu *São Luis*, que concilia muito bem uma vida peculiar correlacionada com documentos e relações advindas desta vida. Outra relevância é a contribuição da antropologia para a *mise en scène* da biografia como apresentação de pesquisa histórica e o desenvolvimento do texto do *Marechal*.
- 16 Os estudos de Duby que culminarão nesta obra são resultado de suas pesquisas nos arquivos da Abadia de Cluny, na França. A economia carolíngia do séculos XII e XIII desta região incitaram a Duby buscar uma história global para inscrever uma paisagem social específica- seu objeto de estudo- em uma panorama francês medieval.
- 17 Essa temática se vincula a outras obras de Duby, como *Idade Médica, Idade dos Homens. Do Amor e outros Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- 18 Duby utiliza-se sobretudo de textos eclesiásticos que dão conta das condições históricas do ocidente europeu. Nomes como Raul Glaber, Ademar de Chabannes, Abbon de Fleury, Sigiberto de Grembloux, são autores vasculhados em suas obras pelo olhar atento de Duby, ansioso por reconstruir o plano material, as aspirações espirituais e as elaborações mentais de uma sociedade cerceada pelo cristianismo, mas que vivenciou a passagem de milênio com especificidades.

## Referências

- BARKER, Juliet. *Agincourt*. Tradução de Mauro Pinheiro. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- BAXANDALL, Michael. *Padrões de intenção – A explicação histórica dos quadros*. Tradução de Vera Maria Pereira. São Paulo: Companhia das Letras.
- BURKE, Peter. *New Perspectives on Historical Writing*. Pensilvânia: Pennsylvania Univ. Press, 1992.
- CLAUDE SCHMITT, Jean. A imaginação eficaz. *Signum – Revista da ABREM*. São Paulo: ABREM, nº 3, 2006, p.133-150.
- \_\_\_\_\_. *Imagens. Dicionário Temático do Ocidente Medieval I*. Organizadores Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt. Bauru, São Paulo: Edusc, 2006, p. 591-605.
- DOSSE, F. *A História á prova do tempo*. Da história em migalhas ao resgate do sentido. São Paulo: Unesp, 2001.
- \_\_\_\_\_. *História e ciências sociais*. Bauru, SP: Edusc, 2004.
- DUBY, Georges. *Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos*. Tradução Eugênio Michel da Silva, Maria Regina Lucena Borges-Osório; revisão do texto em português Ester Mambrini. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Guilherme Marechal: ou o melhor cavaleiro do mundo*. Tradução Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 3 reimpressão, 1995
- \_\_\_\_\_. *A História continua*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.



- \_\_\_\_\_. *O domingo de Bouvines: 27 de julho de 1214*. Tradução de Maria Cristina Frias. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- \_\_\_\_\_. O prazer do historiador. In: *Ensaio de ego-história*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- \_\_\_\_\_. *O cavaleiro, a mulher e o padre*. Lisboa: Publ. Dom Quixote, 1988.
- \_\_\_\_\_. *O tempo das catedrais: a arte e a sociedade (980-1420)*. Lisboa: Editorial Estampa, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Le dimanche de Bouvines*. Paris: Gallimard, 1973.
- \_\_\_\_\_. *O Ano Mil*. Tradução de Teresa Matos. Lisboa: Edições 70, 1967.
- DUBY, Georges; GEREMEK, Bronislaw. *Paixões comuns – conversas com Philippe Sainteny*. Tradução Teresa Curvelo. Lisboa: Edições Asa, 1993.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. O fogo de Prometeu e o escudo de Perseu. Reflexões sobre mentalidade e imaginário. **Signum** – Revista da ABREM. São Paulo: ABREM, nº 5, 2003, p.73-116.
- KEEGAN, John. *O Rosto da Batalha*. Tradução de José Vieira de Lima. Lisboa: Editorial Fragmentos, 1976.
- LE GOFF, Jacques. O imaginário medieval. In: *Signum* – Revista da ABREM. São Paulo: ABREM, nº 10, 2008, p.63-72.
- \_\_\_\_\_. (org.). *A Nova História*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- \_\_\_\_\_. Entrevista de Jacques Le Goff à Hilário Franco Júnior. In: *Signum* – Revista da ABREM. São Paulo: ABREM, nº 1, 1999, p.209-231.
- MALERBA, Jurandir (org.). *A história escrita: teoria e história da historiografia*. 1 ed., 2 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.
- MANZI, Ofélia. Os estudos medievais na República Argentina. *Signum* – Revista da ABREM. São Paulo: ABREM, nº 8, 2006, p.263-278.
- RIBEIRO, Maria Eurydice de Barros. Georges Duby, o prazer da História. *Signum* – Revista da ABREM. São Paulo: ABREM, nº 4, 2002, p.213-242.
- SANT'ANNA, Luiz Alberto Sciamarella. *Georges Duby e a construção do saber histórico*. Dissertação de mestrado pela Universidade Federal de Pernambuco, 2001.

